

HQ/LIVROS ARTIGO



# O formatinho está morto! Longa vida ao formatinho!

O formatinho está morto! Longa vida ao formatinho!

WALDOMIRO  
VERGUEIRO

30.06.2000

00H00

ATUALIZADA  
EM

21.09.2014

13H11

A discussão sobre o abandono do tradicional **formatinho** (13 x 21cm) como método preferencial de publicação de histórias em quadrinhos no Brasil corre o risco de ser feita de forma demasiadamente passional. A razão para tanta comoção deve-se à decisão da principal editora do país em interromper a maior parte das revistas que publica nesse formato. Por um lado, ela esquece as razões que motivaram sua introdução no país e os benefícios que eventualmente trouxe para a disseminação e popularização do gênero. Por outro, endeusa o denominado **formato americano** ou **comic book** (17 x 26cm), como se este apresentasse apenas vantagens.



Quem conhece algo sobre o desenvolvimento dos quadrinhos lembra que as primeiras revistas aqui lançadas tinham como modelo as publicações européias como *La semaine de Susette*, trazendo contos infantis, curiosidades, passatempos, além de histórias em quadrinhos. O exemplo mais conhecido desse tipo de revista é justamente a já antológica *O Tico-Tico*, publicada durante mais de 50 anos. Depois,

com o lançamento do Suplemento Juvenil na década de 30, os quadrinhos norte-americanos passaram a ser publicados no país com maior regularidade, chegando a praticamente dominar uma grande fatia do mercado. Isso se firmou ainda mais com a criação da Editora Brasil América Ltda. (EBAL) e o lançamento de dezenas de títulos, normalmente em preto e branco. Outras editoras seguiram o seu exemplo. Em julho de 1950, a editora Abril entrou no mercado de publicação regular de histórias em quadrinhos, lançando a revista *O Pato Donald*, também em formato americano; dois anos depois, em abril de 1952, ela modificaria essa política, adotando para a revista o formato menor, nos moldes da italiana Topolino. Nesse momento, talvez de forma não premeditada, ficou estabelecida uma primeira distinção entre as publicações voltadas diretamente para crianças (os quadrinhos Disney) e aquelas direcionadas para leitores adolescentes (os super-heróis e outros gêneros existentes). Esta distinção seria mantida por mais de duas décadas.

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR

assumindo seus personagens, primeiro a Bloch, depois a Rio Gráfica e Editora (RGE) e finalmente a Abril. Todas optaram por lançar os personagens em formatinho, principalmente por possibilitar um preço mais acessível para os leitores. O formato americano passou a ser reservado apenas para revistas especiais, graphic novels ou mini-séries. Pouquíssimas revistas de linha foram lançadas nesse formato nos anos 70 e 80.



Essa decisão editorial contribuiu para uma nova percepção dos leitores sobre o mercado de quadrinhos no país, vinculando revistas em menor formato com publicações de qualidade inferior. Isso não era necessariamente verdadeiro, mas foi a idéia que leitores mais exigentes acabaram por disseminar. De fato, a diminuição do tamanho original para o formatinho obrigava os editores à realização de remontagens das figuras e quadrinhos, cortes de balões, diminuição de textos, etc., de forma a fazer com que as histórias pudessem ser acondicionadas no menor espaço disponível. Alguns leitores foram contrários a essas decisões e começaram a buscar outras alternativas, como a importação direta e a leitura das publicações originais. É claro que essa possibilidade só era viável para uma parcela diminuta do mercado, os que tinham poder aquisitivo para pagamentos em dólar e/ou dominavam o idioma inglês. Estes, no entanto, sempre foram os mais influentes no meio e acabaram contribuindo para o descrédito das revistas em formatinho.



É claro que tinham – e têm –, razão em algumas coisas. Muitas vezes, a adaptação para o formato menor pode representar perdas significativas de qualidade para a arte original. Várias histórias foram muito prejudicadas com isso e certamente um leitor sofisticado consegue listar as principais de memória. Autores mais detalhistas com certeza ficam sujeitos a atrocidades nessa mudança, perdendo grande parte daquilo que mais atrai os leitores. Isto, sem dúvida, é verdade. Mas cabe perguntar se esse raciocínio poderia ser generalizado para a maioria das HQs

estrangeiras publicadas no Brasil durante as décadas em que o formatinho foi predominante. É de duvidar que alguém, mesmo o leitor mais exigente, responda afirmativamente a essa pergunta. Para a maior parte dos gibis oriundos do mercado norte-americano, tanto faz as dimensões em que são publicadas. Muitos, inclusive, só saem ganhando com a diminuição de tamanho, pois suas imperfeições gráficas passam despercebidas. OU SEJA: as falhas do formatinho foram devidas a equívocos editoriais e não, propriamente, a problemas intrínsecos a ele.

O formatinho, enquanto alternativa editorial, mostrou-se viável em muitos países. Na Itália, por exemplo, sempre foi predominante, o mesmo acontecendo no México. Por seu intermédio, garantiu-se a continuidade do gênero e a ampliação do número de leitores. Isso já poderia ser argumento suficiente para sua manutenção. No caso desses dois países, mais que aceitar o modelo físico norte-americano, foi mais

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR

nesse campo, uma espécie de quebra dos grilhões colonialistas que dominam o mercado internacional. Assim, sob certos aspectos, a decisão de abandonar a publicação em formatinho pode representar, por um lado, a opção por uma elitização, esquecendo que as histórias em quadrinhos são, em primeiro lugar, um meio de comunicação de massa; e, por outro, o dobrar-se definitivo à predominância de um modelo alienígena.



É claro que o último parágrafo é propositadamente exagerado e panfletário. Não se trata de buscar teses marxistas para defender propostas editoriais, sejam elas quais forem. Mas, se o exagero da imagem pode evidenciar um tipo de extremismo, também pode salientar a falácia das opções que se dizem salvadoras. A convivência de contrários é uma característica intrínseca da sociedade pluralista e não há razões para acreditar que a realidade tenha que ser diferente na área de quadrinhos. Ainda é cedo para afirmar que se vive algum tipo de encruzilhada da qual nenhum retorno se avista. Assim, é possível acreditar que, talvez daqui a algum tempo, tenhamos que reconhecer, parodiando Mark Twain, que as notícias sobre a morte do formatinho foram um tanto exageradas...

### Você pode gostar

Links promovidos por taboola

**Protetor solar com cor 100% mineral para peles oleosas. SkinCeuticals Physical Matte UV Defense FPS 50 tem ampla proteção de raios UV e acabamento matte. Sua textura em mousse ultrafina, além de ser c**

Beleza na Web

**Judgment corre risco após fim de parceria entre SEGA e ator**

The Enemy

**O segredo para comprar na Shopee que as pessoas não sabem**

Cuponomia

**Retoque Nunca Mais Rk By Kiss - Pó Finalizador Solto**

Época Cosméticos

**Tommy Dorfman, de 13 Reasons Why, revela ser mulher transgênero**

**Água micelar para pele oleosa. Garnier SkinActive Antioleosidade Vitaminca C ajuda a remover impurezas e maquiagem do rosto, além de hidratar e controlar a oleosidade. A Água Micelar Garnier SkinActiv**

Beleza na Web

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR

EMPRESAS  
DA OMELETE COMPANY:

FILMES	SÉRIES E TV	HQS E LIVROS	MÚSICA	
OSCAR	EMMY	SAN DIEGO COMIC CON	CRÍTICAS	
BILHETERIAS USA	CALENDÁRIO DE ESTREIAS	CRÍTICAS	NOTÍCIAS	
BILHETERIAS BRASIL	CALENDÁRIO 2018	NOTÍCIAS		
ESTREIAS DA SEMANA	CRÍTICAS			
CRÍTICAS	NOTÍCIAS			
NOTÍCIAS				